

 versos,
Anversos
& Antiversos
ISSN: 2675-4975

Poesias de:
Alberto Knobbe Busquets



Ano 4 · n° 2

Accesse em:
geplat.com/versos

20
23

EQUIPE EDITORIAL

Jean Henrique Costa - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Ciências Sociais (UFRN);

Raoni Borges Barbosa - Pesquisador Bolsista DCR-CNPq/FAPEPI (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí). Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE;

Jeanemeire Eufrásio da Silva - Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Lázaro Fabrício de França Souza - Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Francisco Wilton da Silva Júnior - Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Stamberg José da Silva Júnior - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina;

Paulo Sérgio Raposo da Silva - Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Elane da Silva Barbosa - Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professora substituta do curso de Medicina da UERN;

Dr. Thadeu de Sousa Brandão - Universidade Federal Rural do Semiárido (*in memoriam*).

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Wilton Silva - @guiawilton.silva

BUSQUETS, Albeto Knobbe,

Poesias de Alberto Knobbe Busquets/ Alberto Knobbe Busquets. – Ano 4, número 02 – **Revistas Versos, Anversos e Antiversos**. Mossoró: GEPLAT Edições, 2023.

ISSN: 2675-4975

Endereço eletrônico: www.geplat.com/versos

1. Poesia; 2. Artes.



Ano 4 · n° 2

20
23

Acesse em:
geplat.com/versos



SOBRE O AUTOR

Alberto Knobbe Busquets nasceu em 26 de janeiro de 1978, em São Paulo/SP. Atualmente vive entre Natal/RN e Portugal. É advogado, professor, terapeuta e poeta. Aprendeu que pode transformar o mundo ao seu redor através da poesia, levando sensibilidade, otimismo e beleza ao leitor que também queira uma vida mais leve e significativa.

Instagram: @todasasformasdepoesia



1. EMBARCAÇÃO

Fosse meu espírito
Embarcação,

meu corpo seria
âncora ou mastro?

A mente,
iceberg ou lastro?

Fosse meu espírito
embarcação,

quem seria
meu coração?

Imprestavelmente
bêbado de amor,

poderia ainda sim
ser o capitão?

Minha nau faria marola?
Deixaria rastro?

Fosse meu espírito
embarcação,

teria eu rota certa
de diária obrigação?

Buscaria faróis
ao navegar?

Usaria as estrelas
do céu vasto?

Ou será que bastaria
seguir minha intuição?

Fosse meu espírito
embarcação,

eu navegaria
feito cruzeiro imponente

ou afundaria carente
no meu mar de solidão?



2. PROA

Apronto meus sonhos
Aponto meus prantos
Distantes.

Afago semblante
Naufrago sonhante
Meu tempo.

Aprumo meus prantos
Arrumo meus sonhos
Andantes.

E trago sonhante
Meu bravo semblante
Ao vento.

Em nós se desloca
De nó desemboca
No rio.

Sou só em meus cantos
Marola de prantos
Vazios.

Aprumo meus sonhos
Arrumo semblantes
Na frente.

Que a popa se eleve!
Meu barco persegue
Horizontes.



3. Algumas tristezas rápidas
eu deságuo em rimas.

Outras mais caudalosas
rompem marés em prosa.

Mas há poucas
que doem tanto
a ponto de silenciar
meu oceano inteiro.

Estas
eu aprisiono
abissalmente,
tendo a calma
da superfície
como
testemunha
e
carcereiro.

4. Ao escrever poesias,
torno-me equilibrista.

Pois minha fome avassaladora
deve ser precisamente contida,
na exata proporção
da sede das Musas.

Cada linha, um leão
amarrado por borboletas.

Cada sílaba, uma gota
de caudalosos sentimentos.

Um tropeço
e cairei no vazio,
grão de areia exigindo
a atenção da onda.

Heroico é o papel.
Recebe-me de folhas abertas.

Não sei como ele aguenta.



5. Mesma praia,
mesmo barco,
mesmo mar.
E cada renavegar
torna tudo novo.

Mesma Praia,
mesmo barco...

Re-mar!

6. Oh, época descontente,
de inconteste
descontexto!

A liquidez
Liquefez
os sentidos...

Preguiça para o todo,
pressa para o tudo;

e o sertão da ignorância
de repente fez-se mar.

Ideias boiam à deriva,
Náufragas na própria
incompletude.

Mas são elas que valem:

Tornam-se icebergs.

O contexto de tudo
com qualquer coisa
é o mais recente Titanic.

E o mundo afunda com ele,
ao som de violinos tocando funk.



7. FUTURO

Eu vivo
Em repetidos
Mergulhos no abismo.

Mas a cada salto
Sinto diminuir
A distância da queda-livre...

Haverá, então,
O dia em que eu possa
Vencer cada cânion
Com um simples passo;

E finalmente,
Saudoso da aventura,
Aprenderei a voar.

E todos os abismos
Serão céus estrelados
Sob meus pés.

8.

Apaguem-se os mapas náuticos,
e seus pontos de direção;

Esqueçam as lunetas, sextantes, compassos, bússolas de
precisão;

Arquivem-se as rotas, caminhos,
altímetros ou meios de aviação.

Quem dera poder

naufragar-me em teu mar

perder-me em teu céu

Tendo as estrelas do teu olhar
colorindo meu coração.



9. PANDEMIA

Vejo um fiapo de céu
através da minha janela.

É triste,
mas estou em paz:

Sei que meus olhos
me limitam.

Ainda bem
que minha mente
tem asas

e que sou
avoadado.

10.

Era um dia Villa-Lobos:

Céu de Bach,
sol de Ravel,
natureza de Vivaldi...

Mas eu,
humor de Bukowski.



11. ESPERANÇA

Ontem
eu era poço:

escuro, profundo,
de água atemporal,
Sozinho e frio.

Hoje eu sou neblina:

Embaçado, disforme,
Das noites semiestreladas
de clima morno.

Que não demorem
meus dias futuros
de céu anil e brisas quentes;

Estou já farto
de recolher-me
e anular-me.

Que não retornem
os dias-poço e serração...

Quero voltar
às tantas páginas
que me aguardam
pacientemente,

para (criança)
perder-me
e encontrar-me

nos mais agradáveis
dias de verão.



12. JARDINEIRO

Sonhei-me jardim.

Ode à botânica entropia,
Terra úmida de loucuras-ideias.

Ora brotei grama, ora cresci árvore,
Criei raízes que voaram para outras terras.

Paciente, derrubei cercas
Transbordando livreverde
Minha lida.

Por vezes caí fruto, aprendendo
A transmutar pequenas mortes
Em sementes de vida.

As flores são poucas (e caras a mim);
Mas, mesmo libertas,
Deixam as lembranças de seu
Desabrochar...

Banhado na chuva noturna,
Aninhado ao perfume
da Rosa e Jasmim,

Sonhei-me jardim

E percebi-me bêbado de orvalho
Em cada pétala que aguarda
O dia chegar.

Deitei-me jardim em mim mesmo
E plantei uns punhados de rimas

Aguardando suas sombras-poesia
Para as tardes quentes de janeiro:

Sonhei-me jardim,
Acordei jardineiro.



13. LIVRO DE CABECEIRA

Narro minhas histórias
Como a chuva se narra ao chão:

Cada gota,
Cada rima,

Escorrem
Em cadência escrita

Ao Imaginário
(E à Razão)
Que tanto nos dilui.

Por vezes, porém,
Evaporo pedaços

Para sentir-me nadando
(Livre)
No espaço

E então voltar
Encharcado
Dos mais rarefeitos "Eus"
Que ainda não fui.



14. Um dia eu
entardecerei em esquecimento
de anoitedormecer.

Escurecerei então
o véu azul de vento,
embalado
por estrelas de brilho manso
para um futuro
florinascer.

Serenando cada suspiro
de profundo
solosonar em descanso;
sementear.

Como árvore de seiva verde
e folha doce e dançante
à beira de clareiramirante
lunar.

Dormir
uma noite de mil vidas
sem sol de despedidas:

apenas gota, terra
e eu inteiro

sem palavras,
som, luz
ou cheiro

Até regerminar.



15. PETRICHOR (II)

Chuvinha boa

dessas que perfumam as janelas
com os sonhos da terra

e agarram-se
a qualquer brisa,
alçando voo além
das copas das árvores

para lembrá-las
que, um dia,
já foram chão.

As gotas se lembram;

as árvores, não.

16.

Gostaria
que todo esse otimismo
que se evaporou de nós
pudesse ser condensado.

Poderia, então,
buscar chover
em algum sedento
pedacinho de terra
perdido por aí...

Bem sei:
Uma gota de esperança
faz oceanos de diferença
em um coração ressecado.



17. KOPENHAGEN

Magia
é a gota cair
e chegar
borboleta-floco.

Magia
é avião subir
e aterrar
corações em bloco.

Magia é se distrair
é deixar-se abrir
é acordar/sentir

todo o amor "in loco".

18. ADORMECER

Adornei as paredes
Com lufadas de sonhos.

Forrei todo o leito
Com o mais fino luar.

Deito, cerro os olhos
(Mas não a visão).

Conto sem pressa
Cada gota de rio
Beijando grãos de imensidão.

O sono vem:

Diluídos (en)cantos
Em marolas sem mar.



19. MATURIDADE

Faz da maturidade
charme,
não consequência!

A verdadeira beleza
Reside
sob a pele,
floresce
com o tempo,
transborda pela jornada...

Até que,
madura,
é chama no olhar
e labareda no sorriso;

fogo sobre os lábios,
faíscas no toque,
arte voluptuosa
de um sol de tarde à Dionísio...

Não é trilha de se encontrar,
mas (melhor ainda),
mundo de se perder.

E sortudo aquele
que pode perder-se
diariamente!.



20.

Branca flor
despede-se
desprende-se
para experimentar
sua liberdade.

Cinco asas alvas,
em espiral ela desce
despindo-se
despedindo-se
como que sorrindo
Para tudo à sua volta.

Pousa no chão
em meio a flores e folhas
secas e moribundas.

Se tivesse olhos,
iria fechá-los como quem dorme.
Se tivesse boca,
seria visível um sorriso enorme:

"Fui linda,
fui livre,
Voei o que pude,
Vi o que pude.

Ah, se houvesse chance,
Faria tudo novamente.

Não sabia que, no fim
da minha existência,
pudesse receber
tão precioso presente..."

E murcha
Belamente
em paz.



21. DILEMA

Como
manter-me
arraigado ao chão,
se meus pés
são de nuvens?

22.

Poesia:
mentira-semente
que brota verdades
na gente.

23. DORMIR (I)

Somos
As somas
Dos sonos
Na cama

Somos
Sementes
Dormentes
No leito

Somos
Seremos
Sabemos
Sonhamos

Sonhos
Somando
Saberes
Perfeitos.

24. COLHEITA INGRATA

Sou como um mero sementeiro
No campo vazio, com sol a pino:
Capino, rego e semeio amor
Agarrado à esperança, como menino.
Mas, mesmo com intenção esforçada
A hora da colheita é tão demorada
Que a horta faz pouco da minha dor
E apaixonou-se por quem quer que a colha
Até não restar folha
Para agradecer o meu tino..

**25.**

Se as palavras forem folhas ao vento,

Quero plantar robustas florestas
Tornando esmeralda o olho de cada tempestade.

Que o vento desarrume os versos.

Não me importo.

Um dia, certamente,

Uma folha talvez já amarelada

Encontrará o caminho à janela certa.

E ela saberá que seu viço, sua cor, seu riso e seu
perfume

Propagar-se-ão eternamente,

Levando mundo afora amor, beleza e alegria

Renovados a cada ventania.

26. ENTRETUDO

Meu amor repousa na cama,
Enquanto eu escrevo essas linhas.
Mas minha felicidade
Não se contém
Nem lá no quarto, nem só em mim:
Vaza pelos meus poros
E escorre pelos meus dedos,
Impregnando cada folha,
Cada poesia,
Cada vento e cada estrela;
Como se todas
As felicidades sem dono
Que vagam por aí
Fossem minhas.



27. DIA DA POESIA

Quando não caibo mais em mim,
na praia de um papel qualquer
atiro-me qual tempestade.

Ter a poesia como monção
é extravasar nosso excesso
(ou escassez)
de humanidade.

28.

Gosto de fazer poesia,
não apenas escrever.

Poesia de se sentir
pelos olhos
as carícias que derramo
sobre teu corpo.

Poesia de se beijar
com os dedos
as palavras que sussurro
em teu ouvido.

Poesia de se deixar levar,
de se livrar de entraves

para se abrir inteira
em cada rima de ritmo leve,
ou para gemer de leve
no mordiscar das letras maiúsculas.

Gosto de pensar que faço poesia,
quando na verdade só a descrevo.

Poesia mesmo é o juntar dos lábios,
dos corpos e dos desejos.

Poesia é uma noite de possibilidades.

Poesia é a comunhão das mãos
e dos sentidos, o cheiro das peles,
o gosto das bocas.

Poesia é a paz entrelaçada
com o nascer do sol,
anunciando que há
mais poemas a serem feitos,
a cada Bom Dia.

**29.**

Sofro
por ser
dionisíaco

neste mundo
plano e quadrado.

A névoa
do meu charuto
cria a cortina perfeita:

Embriago-me
na fumaça lânguida

e esqueço
dos pseudo-Apolos
queimando asas alheias.

Que Themis,
Nemesis e Diké
os julguem!

Que a verdade
do bom vinho
os afogue!

Que as Musas
nos salvem
da mediocridade!

30.

Gosto de olhares
que me cegam
e sorrisos
que me emudecem.

Gosto das vozes únicas
e das mentes insones.

Gosto das mãos determinadas
que evocam força e delicadeza.

Mas me encanta perdidamente
a vastidão interna
de quem se permite
enevoar-se ao vento.



31. Sou transparente.

Nem sempre é bom,
mas não sei ser diferente.

Ao menos assim
descobri o espetáculo
que existe dentro de mim:

que minha imaginação
brilha violeta;

que meu coração
vive em piruetas

e o que há
em meu estômago é
uma rave de vagalumes,
não borboletas.



32. SOU VULCÃO

Entre o que sinto
e o que guardo,

meu céu
vive opaco

pela teimosa erupção.

Sou vulcão, vivo e quente.

Queimo forte, mas silente
meu amor em rios

atravesso pedras
e desafios

para desabafar, ao fim,

a imensidão abissal
que há em mim.

Minha névoa não é tão bela...

mas ao ser você
a aquarela

Meu vulcão ruge encantado
para assistir apaixonado
o teu límpido céu estrelado.



Portal
GEPLAT Edições

